

**Bikeoteca: circulação, mediação e formação de leitores literários**

*Bikeoteca: circulación, mediación y formación de lectores literarios*

Ana Paula Carneiro

Gabrielly Doná

**Universidade Estadual Paulista (UNESP)**

Presidente Prudente – Brasil

Renata Junqueira de Souza

**Universidade Estadual Paulista (UNESP)**

**Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)**

Ouro Preto – Brasil

**Resumo**

A Bikeoteca foi um projeto de prática comunitária que abrangeu momentos de contação de histórias, mediações de leitura e atração cultural em praças públicas. Consiste em uma bicicleta que carrega consigo livros de diversos títulos literários. Partindo disso, apresentamos e discutimos as práticas realizadas na Bikeoteca e como tais ações podem influenciar na mediação e na formação do leitor literário. Pudemos perceber que as crianças que participaram dos variados momentos oferecidos aproveitaram para rever livros que já conheciam e de escolher novas leituras, contando com o apoio dos mediadores que ali participaram. Como uma das conclusões deste estudo, evidenciamos que não é suficiente oferecer livros para se formar o leitor literário ou garantir o gosto pela leitura, a leitura precisa ser mediada, uma vez que é nos momentos de troca com o livro que despertamos novos leitores.

**Palavras-chave:** Mediação de leitura; Bikeoteca; Prática comunitária.

**Resumen**

La Bikeoteca fue un proyecto de práctica comunitaria que incluyó momentos de narración oral, mediaciones de lectura y atracción cultural en plazas públicas. Consiste en una bicicleta que transporta libros de diferentes títulos literarios. A partir de eso, presentaremos y discutiremos las prácticas realizadas en la Bikeoteca y cómo dichas acciones pueden influenciar en la mediación y formación del lector literario. Pudimos ver que los niños que participaron en los distintos momentos ofrecidos aprovecharon para releer libros que ya conocían y elegir nuevas lecturas, con el apoyo de los mediadores que allí participaron. Como una de las conclusiones de este estudio, mostramos que no basta ofrecer libros para formar al lector literario o para garantizar el gusto por la lectura, es necesario que la lectura sea mediada, ya que es en los momentos de intercambio con el libro que despertamos nuevos lectores.

**Palabras clave:** Mediación lectora; Bikeoteca; Práctica comunitaria.

## **Introdução**

O projeto Bikeoteca na praça é um conjunto de ações de formação e de estímulo à prática e ao interesse pela leitura de forma mediada. Seu objetivo é contribuir com a formação de leitores em praças públicas, por meio de práticas literárias para aqueles que, porventura, possuem poucas oportunidades de acesso ao objeto livro, a fim de que tenham experiências significativas com a leitura literária.

A Bikeoteca é uma bicicleta projetada especialmente para a disposição de livros de diversos títulos literários destinados ao público de todas as idades, contendo momentos de contação de histórias, mediações de leitura e atração cultural.

Desta forma, nosso intuito com este artigo é descrever as ações de mediações de leitura, dicas de livros, contações de histórias e atrações artísticas que foram realizadas durante as práticas, inclusive como foi organizado o tempo em cada atividade proposta. Nossa intenção com as ações do projeto, foi desenvolver estratégias de incentivo à leitura, visando um espaço rico de experiências que favorecessem o direito à literatura. A oportunidade de as pessoas lerem, imaginarem, contarem, ouvirem, sentirem e expressarem é muito valiosa para o desenvolvimento humano.

A possibilidade de formar leitores autônomos, críticos, proficientes perpassa pelo direito ao acesso ao livro para a formação e desenvolvimento integral e se constituir como projeto coletivo para a cidadania. Nosso estudo está pautado nas pesquisas de: Colomer (2007), Solé (1998), Girotto e Souza (2010), bem como outros autores como Abramovich (1993), Bajard (2014), Vygotsky (1995) e Linden (2018).

Neste artigo, analisamos o projeto Bikeoteca, que se propôs a contribuir com pessoas que já possuíam o hábito e/ou que gostassem de ler, ofertando títulos diversos e também despertando o interesse dessa prática naqueles que possuem poucas oportunidades de acesso ao objeto livro, a fim de que tivessem experiências significativas com leitura literária. Outras ações que foram desenvolvidas nos chamaram atenção e deram visibilidade ao projeto, como no caso, o teatro, a música e o circo, que compuseram a programação.

Acreditamos que criar oportunidades para que as pessoas ocupem as praças com arte, para que esse espaço cumpra sua função social da troca, do encontro e da convivência é relevante para a formação humana e cultural do cidadão, pois a literatura é um “direito universal de todos os homens” Candido (2004, p. 23). A proposta analisada desenvolveu

estratégias de incentivo à leitura literária, visando um espaço rico de experiências humanas e que favoreceu o direito à literatura.

As narrativas fazem parte da cultura humana e podemos observá-la em praticamente todos os países. Por outro lado, a cultura escrita e os livros literários nem sempre estão acessíveis a todos. Em tempos em que os livros estão sob ameaças, pois a discussão da taxaço desse bem cultural vai na contramão do que as políticas públicas deveriam garantir em um país já tão desigual como o Brasil, visto que eles já possuem um custo elevado para grande parte da população, é importante valorizar a literatura como arte e como elemento de direito do povo.

A realidade brasileira é de grandes dificuldades para a formação de leitores, principalmente em um momento pandêmico como o que vivemos. Vemos a Bikeoteca como uma proposta de resistência e ocupação das praças com a arte, em que tal contexto gera o desejo intenso de ir adiante em defesa da leitura e do livro. Tal desejo pelas artes e principalmente pelas histórias e pelos livros ficou evidente durante o distanciamento social, em que as pessoas buscavam lives e/ou vídeos de contações de histórias. Segundo o Instituto Pró-Livro, houve um movimento de contadores de histórias que se articularam para ajudar os pais a entreter as crianças por meio da leitura de livros em suas redes sociais.

Por isso, o projeto Bikeoteca buscou parcerias com outras áreas que dialogam com a literatura, fortalecendo e criando vínculos desse projeto de ocupação das praças públicas com literatura e arte. Nesse sentido, buscamos grupos parceiros que fizeram parte da atração cultural do Projeto.

A Bikeoteca, circulou durante dois meses com suas ações em três praças públicas em bairros periféricos de Presidente Prudente/SP, cada local recebeu dois ciclos de atividades, com mediações de leitura, incentivo ao livro e a leitura, livre acesso e exploração do acervo, contações de histórias, apresentações artísticas nas linguagens de circo e música. Contribuindo, dessa forma, com pessoas que já possuíam o hábito de ler, ofertando títulos diversos e também despertando o interesse dessa prática naqueles que possuíam poucas oportunidades de acesso ao objeto livro, a fim de que tivessem experiências significativas com a literatura.

No primeiro tópico, apresentamos nossa fundamentação teórica sobre o tema, discutindo a respeito da mediação e da formação do leitor. No segundo subtítulo,

apresentamos a metodologia e descrevemos como ocorreu a circulação do projeto Bikeoteca. Na terceira parte do texto, realizamos a análise dos dados utilizando um olhar sobre a formação de leitores literários que ocorreu no projeto Bikeoteca. E por fim, apresentamos os resultados e conclusões a que chegamos com esse estudo.

### **Fundamentação teórica: mediação e formação do leitor em práticas comunitárias**

O mediador da leitura é um modelo de leitor. Ele cria pontes entre os livros e seus ouvintes. Estimula, dá exemplos, encanta, cria rituais de leituras, ora lê em voz alta e ora deixa que os livros falem por si a cada leitor.

Ser mediador de leitura é proporcionar momentos de magia, encantamento, tristezas e decepções com os textos. Mediar é entregar ferramentas para os leitores em início de carreira que ainda não sabem como manipulá-las, ensinar o uso e como usar cada uma no momento adequado. “La mediación es primordialmente una labor de lectores comprometidos” (MATA, 2008, p. 139).

Assim, mediar é mostrar o caminho, deixar que façam suas próprias escolhas, mas para mediar é preciso ser um apaixonado pela leitura, pois essa paixão é contagiante e percebemos isso na recepção daquele que recebe. Aqueles que mediam por prazer são bem mais sucedidos, os ouvintes se sentem cativados e interagem com a obra. De acordo com Cosson (2015), em relação a mediação da leitura literária, ela:

[...] não deve ser reduzida ao sentido comum de animação, como uma atividade a ser desenvolvida apenas por meio da empatia entre um leitor iniciante e um leitor experiente, que não requer nada além do “amor” aos livros ou que não precisasse nenhuma formação específica [...] Do mesmo modo, o ensino da literatura não pode ser reduzido a uma simples leitura ilustrada, cujo único objetivo seja proporcionar o prazer de ler. (COSSON, 2015, p. 169).

Pensamos ser relevantes as conversas e trocas durante e após a leitura, pois nesses momentos o mediador, sendo ele um leitor mais experiente chama a atenção para aspectos significativos da obra, como por exemplo, as ilustrações da capa, o tipo de letra, as cores utilizadas e a materialidade do livro, assim como, o assunto abordado e as temáticas que tocam os ouvintes.

Desta maneira, “a criança forma-se como leitora, ao construir seu saber sobre o texto e leitura, conforme as atividades que lhe são propostas pelo mediador durante o processo de planejar, organizar e implementar atividades de leitura literária” (GIROTO; SOUZA, 2010, p. 54). Assim, o processo de formação do leitor é mediado por atividades planejadas e

organizadas de forma progressiva para que, aos poucos, o leitor se torne cada vez mais independente, sendo necessário que essas ações ocorram diversas vezes ao ano, partindo sempre de uma concepção de leitura significativa, com boas obras e uma bibliodiversidade.

Para Revoredo e Souza (2011), no início da vida do leitor, ele é um ouvinte que busca os primeiros signos no mundo natural, com o fito de transformá-los em palavras e pensamentos, possuindo dependência pela pessoa que lê para ele. Assim, ainda defendem que é de suma importância a mediação de leitura na construção e formação desse leitor. Nesse sentido, as autoras nos mostram a importância de oportunizar momentos de mediações de leitura, para que aprendam com leitores mais experientes, mecanismos para desenvolver esse conhecimento cultural e social que é a leitura, com a intenção de formar leitores autônomos e capazes de fazer suas próprias escolhas. Em vista disso,

[...] o mediador tem funções distintas e definidas. Seu olhar e sensibilidade serão importantes, porque ele precisa perceber no leitor em formação seu potencial, seus interesses e, nesse sentido, aproximá-lo do objeto livro. A aproximação não é simples, visto que o futuro leitor tem que se sentir seduzido para o ato de ler e de materializar a leitura. (REVOREDO; SOUZA, 2011, p. 260).

Para tanto, o mediador precisa possuir um bom conhecimento pautado na bibliodiversidade para apresentar ao público e sabemos que esta não é uma tarefa simples, pois, assim como o acesso às obras esbarra em uma série de questões, como livros financeiramente acessíveis e disponíveis tanto para o mediador quanto para seu público manipulá-los, pois estamos em um país com poucas políticas públicas para o acesso ao livro.

Pautadas nos estudos de Dalla-Bona (2012, p.42), podemos afirmar que, “a cultura elaborada exige mediação de alguém mais experiente para transpor os conhecimentos do seu nível aparente para o mais complexo”. O tipo de leitor que somos hoje tem ligação com os estímulos e conversas sobre os livros que compartilhamos com algumas pessoas durante um determinado momento de nossas vidas e essas conversas foram marcadas pelas indicações de leitura e fez com que buscássemos por nós mesmos o que o outro leu e gostou.

A mediação é justamente uma ação que tem o poder de instigar a criança ou o adulto para a leitura, ou seja, para se formar um leitor autônomo que consiga participar socialmente do mundo em que vivemos. Com uma sociedade letrada em que quase tudo se resolve por

meio da escrita e da leitura, aquele que não se inclui desses conceitos pode acabar sendo excluído da comunidade ou de outros espaços sociais e culturais.

Colomer (2007) defende que dentro da literatura o compartilhar é muito significativo, já que será debatido com o outro o sentido que o texto tem, pensando na participação de várias crianças para reformular suas experiências com o texto. Dessa forma, estabelecemos um caminho tendo como ponto de partida a recepção individual até chegar em uma recepção da comunidade cultural.

Concordamos com Solé (1998) sobre o processo sob o qual compreendemos a linguagem escrita, sendo este a própria leitura. Isso envolve tanto o leitor com os seus conhecimentos anteriores e suas expectativas quanto o texto e o seu conteúdo e forma. Dessa maneira, a criança realiza a leitura, ou mesmo cria conexões sobre o que está sendo lido para ela, a partir do que ela já sabe sobre o assunto; se porventura ela não tiver nenhum conhecimento sobre aquele tema diretamente, então terá a oportunidade de aprimorar o seu conhecimento.

Desta maneira, ao pensarmos no processo de mediação e de formação do leitor literário, temos como fundamento teórico a zona de desenvolvimento proximal, em que se torna um espaço rico para a ação do mediador no sentido de auxiliar aquela criança a dar continuidade no seu desenvolvimento. A aprendizagem também irá ocorrer ali quando houver a interação entre seus pares e a cooperação entre elas, em que “uma vez internalizados, esses processos tornam-se independentes da criança” (VYGOTSKY, 1991, p. 101).

Assim, para o formar o leitor é preciso planejamento e regularidade, com objetivos bem definidos e um trabalho pedagógico consistente, uma vez que, não apenas esse trabalho sistematizado será suficiente para formar um leitor que lê criticamente e de forma autônoma, mas também é necessário que o objeto livro seja oferecido para essas crianças. O acesso é parte fundamental no momento da mediação, pois elas podem escutar o mediador lendo, perpassando pelas páginas e observando as ilustrações e, depois da leitura, podem pegar o livro sozinhas e reverem cada página. A leitura autônoma começa desde oportunidades assim, de manusear o livro e passar as páginas por si só, mesmo que ainda não esteja alfabetizada e letrada. Complementar a isso, Bajard diz que é requisito para que a criança se torne leitora que ela presencie atos de leitura e perceba quão rica é a função do livro:

Quando um adulto diz uma passagem para uma criança mantendo o livro nas mãos, está explicitando a origem livresca do texto, seu tratamento pela voz e seus modos de interpretação. Testemunhar atos de leitura é requisito para que a criança conheça a riqueza da função do livro e se torne leitor (BAJARD, 2005, p. 106).

Apesar de reconhecermos a mediação de leitura com o livro como fator fundamental para formar o leitor, em especial o literário, também acreditamos que contações de histórias sem o objeto livro presente durante esse momento também formam leitores literários. Isso porque a contação, quase sempre é embasada em algum livro de literatura infantil ou juvenil, e essa é uma grande oportunidade para trazer a mesma história, mas com técnicas diferentes da simples leitura em voz alta.

Dessa maneira, a contação de histórias é uma prática social em que toda criança deveria ter o direito de participar, bem como sessões de mediações de leitura com livros de qualidade artística literária. A compreensão do mundo a sua volta e do que ainda não descobriu sobre diferentes lugares e culturas pode ser apresentada em um primeiro momento por meio da literatura, e por isso “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 2009, p. 16).

Após o exposto, reforçamos a nossa defesa à disponibilização de locais e momentos de leitura, em que livros sejam ofertados a todos e atrações culturais também. A mediação e a formação do leitor não ocorrem apenas na escola ou em instituições formais, mas também em locais públicos como praças e parques. O acesso à cultura é direito de todos e as políticas públicas estão, e precisam, se voltar justamente para que isso se concretize em todas as comunidades, já que apenas dar o acesso a esses locais não é o suficiente para formar leitores e cidadãos críticos e autônomos, é necessária uma mediação de qualidade e políticas públicas que financiem esses tipos de ações.

#### **Metodologia: circulação da Bikeoteca**

Nossa intenção com o projeto desenvolvido, foi criar estratégias de incentivo à leitura, visando um espaço rico de experiências que favorecessem o direito à literatura. A Bikeoteca, portanto, compreende um conjunto de ações de formação e estímulo à prática e interesse pela leitura de pessoas de 0 a 100 anos, de algumas comunidades periféricas do município de Presidente Prudente-SP. Nosso objetivo foi contribuir com a formação de leitores nas praças

### *Bikeoteca: circulação, mediação e formação de leitores literários*

públicas da cidade, por meio de práticas em leitura literária. Para tanto, foram realizadas duas intervenções em três praças de bairros diferentes do município, em que levamos a Bikeoteca, que é uma bicicleta com diversos livros literários destinados ao público de todas as idades, contação de histórias, mediação de leitura e atração cultural como o teatro, a música e o circo.

Dispomos da parceria dos mediadores de leitura do Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil “Maria Betty Coelho Silva” – CELLIJ/UNESP. Assim, como do Grupo “Histórias da Nana” com suas contações e intervenções artísticas e musicais. Também contamos com a parceria do Galpão da Lua, com apoio da produção dos locais em que já atua desenvolvendo diversas atividades artísticas e culturais. E com o grupo “Taquitá”, integrando a programação cultural da “Bikeoteca na Praça” com shows musicais.

Cada praça recebeu dois dias de atividades no formato de ciclos de ações, totalizando quatro horas de realização. Sendo duas horas de mediação de leitura e livre acesso do público ao acervo, na sequência uma contação de história com duração de uma hora e finalizamos com uma apresentação artística de uma hora. Em cada ciclo, foi disposta a estrutura da Bikeoteca, alternando as contações e as atrações artísticas.

Nossa Bikeoteca é uma bicicleta adaptada com prateleiras e estantes contando um acervo de aproximadamente 300 títulos literários expostos para serem explorados livremente pelos leitores de diferentes idades. O acervo conta com uma bibliodiversidade, com livros de diferentes formatos, texturas e tamanhos que contemplam obras do interesse de leitores de 0 a 100 anos, assim os leitores tiveram total liberdade para manipular, escolher e ler os livros que eram de seus interesses.

Nossa curadoria selecionou títulos de literatura infantil, literatura de colo, contos de fadas, contos de esperteza, contos maravilhosos, contos de artimanha, contos jocosos, fábulas, fantasia, romance, distopia, realismo fantástico, narrativa mítica, novela, ficção científica, terror, suspense, literatura sensível, literatura indígena, literatura afrocentrada, muitos deles premiados e reconhecidos por sua qualidade artística literária. Contamos também com o dispositivo de leitura digital Kindle, que atraiu os leitores mais modernos e inseridos no mundo digital, e para aqueles que ainda não conheciam, despertou o interesse e chamou a atenção.

Para as ações de mediação de leitura, organizamos um espaço com tatames de EVA, almofadas e cadeiras que estavam disponíveis para a acomodação do público que possuía livre acesso para explorar os aproximadamente 300 livros literários dedicados a todas as



idades. Durante esse período ocorreu as mediações de leitura, estímulos e indicação de títulos para aqueles que circulavam pelo espaço. Podemos observar na figura 01, como isso de fato ocorreu na prática.

Figura 1: Bikeoteca na praça...



Fonte: acervo das autoras, 2022.

A Bikeoteca ficou à disposição do público e enquanto fazia suas leituras, os mediadores conversavam a respeito da obra individualmente com os leitores e pequenos grupos, sobre suas impressões, sobre autoria da obra e sobre informações que contribuíram para a compreensão do texto na perspectiva de formação do leitor literário. Dessa forma, os leitores em processo, ou crianças pequenas e os bebês acompanhados de seus responsáveis participaram das ações de mediação de leitura.

As duas contações de história em cada praça foram apresentadas pelo grupo “Histórias da Nana”, sendo elas As aventuras de Malasartes e O rei que ficou cego, contando com a interação do público, música ao vivo e sonoplastia e o auxílio de um intérprete em libras que traduziu as histórias para o público não ouvinte.

Para compor a programação, o projeto contou ainda com apresentações artísticas de diferentes linguagens. No primeiro ciclo, que foi a abertura e contato inicial com o público das praças, a Família Munhoz realizou performances de números clássicos de palhaço. Já no segundo ciclo, a Bikeoteca volta pela segunda vez nos mesmos espaços, realizando

intervenções musicais com o grupo “Taquitá”, levando um show inspirado nas parlendas, cantigas, trava-línguas e brincadeiras populares acrescidas de músicas autorais do grupo.

Em relação à escolha dos locais que receberam o Projeto Bikeoteca na Praça, se deu por conta de serem bairros mais periféricos da cidade e foi motivada por serem um público com potencial para esse tipo de ação. Outras experiências nesses locais mostraram uma potência e uma desejo muito grande por parte do público para acessar obras artísticas de diversas linguagens. Os locais que receberam o projeto têm como característica a distância do centro da cidade, alta densidade populacional e pouco ou nenhum acesso à cultura.

Por esse motivo, as atividades aconteceram nas praças dos bairros João Domingos Neto, um conjunto habitacional relativamente novo com cerca de 10 mil famílias, na Praça da Igreja São Pedro, localizada na Zona Leste da cidade, sendo este um bairro de alta vulnerabilidade social e no distrito de Ameliópolis distante cerca de 50 km da zona urbana do município de Presidente Prudente/SP. Talvez para uma pessoa que more em grandes centros urbanos essas distâncias não dizem muita coisa, mas para um município do interior de São Paulo, elas nos revelam a exclusão do acesso aos bens culturais dos cidadãos.

Ao final do projeto foi lançado um minidocumentário com o registro de todo o processo, desde o seu planejamento, montagem, execução, cenas das atividades, depoimentos e recepção do público.

### **Análise dos dados: a formação de leitores literários no projeto Bikeoteca**

Percebemos que, ao longo do desenvolvimento do projeto, foi criada uma série de estratégias que contribuíram para incentivar práticas leitoras, criando um espaço rico de experiências significativas, favorecendo o direito à literatura para aqueles que circulavam pelas três praças públicas selecionadas.

O projeto ganha destaque por garantir o livre acesso e manuseio das obras por parte do público. Além de que a escolha por comunidades periféricas foi muito simbólica, pois essa população sempre está à margem das cidades, e das políticas públicas culturais, justamente pelo distanciamento dos grandes centros em que geralmente tais ações se concentram.

Podemos evidenciar que a busca por uma rede de apoio estabelecida no projeto fortaleceu e criou vínculos com todos os envolvidos, mas também reforçou as relações existentes entre os grupos e as instituições participantes que já atuavam social e culturalmente nesses espaços públicos. Ampliou-se o contato com a população desses

bairros, levando assim pela primeira vez nesses locais esse tipo de linguagem artística e cultural, que é a literatura.

Talvez a quantidade de dias que o projeto circulou em cada praça não tenha sido o suficiente para afirmarmos que se formam leitores, mas podemos dizer com toda certeza e apoiados nos materiais produzidos em formato de minidocumentário, que foram experiências muito significativas para todos aqueles que circularam pelo espaço: bebês e seus responsáveis; crianças pequenas que exploravam as obras a partir do seu conhecimento sensório-motor, como por exemplo, levar o livro à boca, que nessa fase, utilizam desses mecanismos para conhecer o mundo; crianças maiores que terminaram de ouvir uma história e já entregavam o próximo livro para os mediadores proferirem e adolescentes que diziam não gostar de ler e que durante as duas horas de mediação foram se aproximando e logo estavam experimentando a leitura com o Kindle.

Sem falar das famílias que se sentavam em volta da Bikeoteca e começaram tímidas olhando a capa de um livro e em seguida percebemos as lágrimas escorrendo pelos cantos dos olhos após a leitura de algumas obras. As crianças com deficiência foram um encanto à parte, muitas não sabiam como se portar ao ver uma infinidade de livros em sua frente, enquanto os pais diziam que os filhos eram autistas e que não interagiam com pessoas, eles criaram mundos paralelos literalmente dentro dos livros, algumas vezes literalmente dentro dos livros. Podemos observar melhor, alguns desses momentos na figura 2.

Figura 2: mediações de leitura



Fonte: acervo das autoras, 2022.

Durante as contações de história com interpretação em libras, percebemos a alegria por meio das falas em língua de sinais de algumas pessoas do público que eram surdas e que se comunicavam com o intérprete do projeto. Essas pessoas se sentiram acolhidas e talvez, pela primeira vez em um bairro periférico, passaram pela experiência de poder ouvir a contação de história de forma que fossem capazes de compreender.

As contações de história e o show musical foram atrativos importante para chamarem a atenção das pessoas, que se organizaram para participarem no próximo dia de todas as ações da Bikeoteca. Então, afirmamos que a contação de história estimula e aproxima as pessoas do universo literário, elas ficam curiosas para saber de onde as histórias contadas vieram.

Mediante o processo de manipulação, contemplação e leitura do livro e todas as habilidades que envolvem o processo de leitura, o projeto proporcionou uma formação para as famílias dos bebês, desde a forma mais adequada para ler com eles até os livros mais indicados para essa faixa etária. Sobre a primeiríssima infância, podemos destacar que os bebês sentiam os livros por meio do pegar e do morder, o que para alguns e para os próprios responsáveis era um espanto. Entretanto, sabe-se que essa é a forma que eles se relacionam com o objeto livro, sendo esse um dos “gestos embrionários” da leitura (CAMPOS, CARNEIRO e SOUZA, 2020, p. 2) iniciando o seu processo como leitor.

Foi uma prática comum, algumas crianças que já mostravam ter proximidade com o livro literário pedirem por obras específicas, que por vezes já viram na escola, ou já havia sido lido pela professora em sala de aula, enquanto outras buscavam na hora alguma leitura de acordo com a capa e as cores do livro.

Quando os mediadores estavam lendo para alguma criança, recorrentemente alguma outra que estava por perto e se interessou pela história, seja pela forma como estava sendo contada ou pelas ilustrações da obra, aproximava-se e se incluía ao grupo daquela contação. Tal observação nos indica que o ato de contar histórias em locais públicos pode instigar aqueles que estão por perto a conhecer aquele conto e participar da roda com os seus pares.

Vale destacar que algumas crianças apareceram para contemplar o projeto em mais de uma praça, indicando que seu interesse pelos livros do acervo não se esgotou ali, mas que seria necessária outra tarde para continuar aproveitando as leituras e os mediadores de histórias que as acompanhavam em suas aventuras.

Podemos ainda afirmar que, muitos leitores fizeram conexões com textos lidos anteriormente, inferindo proximidades entre as obras, comentando os padrões e as características dos personagens de outras obras que se assemelham ao lido. Nessa perspectiva, foi necessário conhecimentos prévios para realizar essas conexões, então, quanto mais leituras, mais conexões foram possíveis de serem realizadas.

Portanto, compartilhar com o outro o que lemos, auxilia na compreensão leitora. Assim, mediadores e leitores juntos podem sentir as emoções vivenciadas ao longo da leitura e as mensagens subliminares ditas pelo autor e interpretadas de diferentes formas para cada leitor. Com essas trocas os leitores podem desfrutar as situações que lhe agradaram e as que nos desconcertam ao longo do texto.

### **Considerações finais**

Ao longo do texto apresentamos as práticas comunitárias com o texto literário por meio das ações da Bikeoteca, considerando o seu amplo campo de possibilidades e de mediações com a cultura escrita na busca pela contribuição da formação leitora do público que circulava nas praças públicas que foram atendidas durante a realização do projeto. Assim, as pessoas que circulavam nas praças tiveram a oportunidade de lerem, imaginarem, contarem, ouvirem, sentirem e expressarem, sendo esta uma experiência muito valiosa para o desenvolvimento humano.

A Bikeoteca na praça desenvolveu um conjunto de ações de formação e de estímulo à prática e ao interesse pela leitura de forma mediada. Nesse sentido, contribuindo com a formação de leitores em praças públicas, por meio de práticas literárias para aqueles que, porventura, possuíam poucas oportunidades de acesso ao objeto livro, a fim de que tivessem experiências significativas com a leitura literária.

Logo, ter acessível uma bicicleta com livros de diversos títulos literários destinados ao público de todas as idades com livre acesso e ainda contando com momentos de contação de histórias, mediações de leitura e atração cultural, possibilitaram desenvolver estratégias de incentivo à leitura, visando um espaço rico de experiências que favorecessem o direito à literatura.

Por isso, ressaltamos as contribuições de ações como essas apresentadas e os saberes e experiências decorrentes das relações entre a educação literária e formação do leitor para as comunidades atendidas, produzindo conhecimento por meio da literatura em tempos

atuais. Tal feito demonstra na prática, como políticas públicas de incentivo ao livro e a leitura podem contribuir socialmente nas comunidades, fortalecendo a cultura e experiência dos saberes e contribuindo para uma rica troca entre as pessoas.

A possibilidade de formar leitores autônomos, críticos, proficientes perpassa pelo direito ao acesso ao livro para a formação integral e a cidadania. Evidenciamos que não basta que se ofereçam livros para formar o leitor literário ou instigar o apreço pela leitura, essas ações precisam ser mediadas, pois é no momento de troca e de compartilhamento das experiências com o livro que cativamos e despertamos novos leitores. Tal pensamento se justifica ao refletirmos sobre o interesse das crianças em solicitar a ajuda do mediador no momento da escolha do livro e que, algumas vezes, pessoas que estavam nos arredores estavam receosas de se aproximarem e foram instigadas a ir até lá por conta de outros participantes que as chamaram.

Os espaços públicos, principalmente em comunidades mais afastadas da área central das cidades, precisam ser valorizados e escolhidos para a realização de projetos sociais, uma vez que é nas áreas centrais que se concentram a maior parte de bibliotecas públicas, museus, parques, centros culturais e teatros. Assim, independentemente de onde a pessoa resida, ela tem o direito de ser contemplada com projetos que alarguem suas vivências e sua bagagem cultural.

Com as atividades relatadas neste artigo, incentivamos a formação de leitores e desenvolvemos práticas leitoras nas praças por onde a Bikeoteca passou. Contação de histórias, mediação de leitura e música compuseram a programação do projeto e possibilitaram que em todas as praças houvesse crianças e famílias buscando literatura e atividades culturais.

### **Referências**

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- BAJARD, E. **Ler e dizer: Compreensão e comunicação do texto escrito**. São Paulo: Cortez, 2005.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários Escritos**. 4. ed. reorg. São Paulo, SP; Rio de Janeiro, RJ: Duas Cidades: Ouro sobre Azul, 2004.
- CAMPOS, C. A.; CARNEIRO, A. P.; SOUZA, R. J. Ler e contar histórias na primeira infância: estratégias de leitura em foco. In: **Leitura & Literatura em Revista**, Cidade, v1. , edição, 2020.



CARNEIRO, A. P. **Hora da leitura**: mediação e formação de leitores literários. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual de São Paulo, Presidente Prudente, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/193995> Acesso em: março/2023.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2015.

DALLA-BONA, E. M. **Letramento literário**: ler e escrever literatura nas séries iniciais do ensino fundamenta. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

GIROTTI, C; SOUZA, R. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que lêem. In: **Ler e compreender**: estratégias de leitura. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

MATA, J. **Animación a la lectura**: Hacer de la lectura una práctica feliz, transcendente y deseable. Barcelona: Graó, 2008.

REVOREDO, M. SOUZA, R. J. de. Formar leitores: mediação e espaços de leitura. In: RIBEIRO, A. I. M. (Org) **Educação contemporânea**: caminhos, obstáculos e travessias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Cole, M. (org.) [et al.]. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

## Sobre os autores

### Ana Paula Carneiro

Graduada em Pedagogia pela UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. É mestra e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação PPGÉ/UNESP. Integrante do CELLIJ - Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil de Presidente Prudente (SP). Membro do grupo de pesquisa Formação de Professores e as Práticas Educativas em Leitura, Literatura e Avaliação do texto literário. Professora dos Anos Iniciais da Rede Municipal de Ensino de Presidente Prudente/SP. Contadora de história do grupo Histórias da Nana. E-mail: [ana.paula.carneiro340@gmail.com](mailto:ana.paula.carneiro340@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5349-0064>

### Gabrielly Doná

Graduada em Pedagogia pela Unesp, câmpus de Presidente Prudente e Mestranda em Educação pela mesma instituição. É Psicopedagoga Institucional e Clínica e desenvolve estudos relacionados à literatura infantil e aos temas fraturantes, atualmente sobre perda e morte. É integrante do Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil (CELLIJ) e do Grupo de Pesquisa da FCT/Unesp: Formação de Professores e as relações entre as práticas educativas em leitura, literatura e avaliação do texto literário. E-mail: [gabriellydonaa@gmail.com](mailto:gabriellydonaa@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4729-6462>

**Renata Junqueira de Souza**

Graduada em Letras pela UNESP. É mestra em Linguística e Letras pela PUCRS. Doutora em Letras pela UNESP. Livre-docente pela UNESP. Coordenadora do grupo de pesquisa Formação de Professores e as Práticas Educativas em Leitura, Literatura e Avaliação do texto literário. Professora sênior da UNESP/Presidente Prudente. Fundadora e coordenadora do CELLIJ - Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva" (1992 - 2022). Professora do PPGE/UNESP. É professora colaboradora no PPGL/UFPB. Professora visitante da UFOP. E-mail: [renata.junqueira@unesp.br](mailto:renata.junqueira@unesp.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-2544>

Recebido em: 05/04/2023

Aceito para publicação em: 25/04/2023